

"A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair na auto complacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar"

A Vida e o Tempo de Michael K, de J.M.Coetzee.

A história do Ginásio começa em meados da década de quarenta, com o prefeito Pedro Ferreira Alves escrevendo um bilhete ao amigo Constantino Alves. Primeiro registro. O prefeito em 19 de junho de 1945 impossibilitado de ir a São Paulo autoriza o amigo acompanhar a marcha dos papéis referentes à criação do estabelecimento na cidade. Em 14 de setembro de 1946 o decreto lei 16.108 estabelece fundamentos para criação de cursos práticos de Ensino Profissionalizantes em municípios do Estado de São Paulo. O decreto estabelece no artigo 8º que o governo criará cursos práticos de ensino profissionalizantes nas cidades que, além das necessidades locais devidamente comprovadas, doarem terreno conveniente, por intermédio da municipalidade, para construção do prédio.

No ano de 1948, dia 23 de Fevereiro, O governador Adhemar de Barros através da lei Estadual 77 atende inúmeras cidades, inclusive, o município de Mogi Mirim. Solicitação atendida, providenciar uma área adequada para construção do Ginásio no município torna-se necessário. Segundo alguns relatos, na cidade não havia um local adequado para a construção.

Passaram-se vários anos. O Estado aguardava a municipalidade tomar providencias, por outro lado, prefeitura solicitava do Estado o

terreno para construção. Nos 10 anos de espera que se seguiram nada foi feito.

Em 1958, por pressão das forças políticas locais junto ao governador Jânio Quadros o mesmo determinou que seu secretário de viação e obras, Faria Lima, localizasse em Mogi Mirim um terreno viável para a construção do ginásio industrial.

No prazo de quinze dias, segundo relatos do Sr. Rogerio Mazzola, o secretário determinou que seus assessores fossem à cidade e agilizassem o processo. Seguindo a orientação do secretário, os assessores concluíram que a melhor área seria a do Instituto Masculino de Menores.

Os estudos preliminares foram entregues ao governador que determinou a abertura de concorrência pública para construção no local determinado. No ano de 1959 as obras do ginásio iniciaram e junto com elas um ciúme por parte da direção do instituto de menores, que perdeu vários metros quadrados e uma capela que precisou ser demolida para dar lugar ao prédio da administração e secretaria do novo colégio, o qual ficou pronto no início de 1960.

Da conclusão a meados de 1962 o prédio, que não tinha muros (não ter muros era a filosofia adotada pelo governo da época), ficou abandonado e sem nenhum plano de funcionamento por parte do governo estadual. E o próprio instituto de menores também não o protegia por considerar que não era mais de sua responsabilidade.

O prédio do ginásio já existia, porém não funcionava como escola. A comunidade pressionava a prefeitura e a municipalidade, para cumprir seu papel, cobrava da administração estadual. O governo reincidentemente abusava do discurso de, não possuir verbas, mas

por se tratar de um ano político, o ano 1962, marca as primeiras providências a serem tomadas para o funcionamento do ginásio.

Com a Morte do ex-prefeito Pedro Ferreira Alves em Abril de 1962, políticos da cidade homenageiam a figura ilustríssima do Prefeito, dando ao ginásio seu nome. A partir desse momento passaria a ser reconhecido oficialmente por “**Ginásio Industrial Pedro Ferreira Alves**”. Mas, na cidade vai ficar conhecendo-o como Ginásio Industrial, resumindo mais um pouco, Industrial. E, assim é que fica conhecido ao longo dos anos.

Fez-se necessária outra providência, nomear o diretor. Os prédios do ginásio, por se encontrar numa situação muito precária e a proximidade com o instituto de menores, fez com que quatro convites para o cargo fossem recusados. Trazer professores de São Paulo seria inviável. Devido a essa dificuldade, o nome do Sr. Rogerio Mazzola passou a ser cogitado.

Rogério Mazzola era professor efetivo em Amparo com formação na área de Mecânica, já acostumado com o interior. Foi lhe feito o convite pelo secretário de educação. Antes de aceitar o então Professor Mazzola fez uma visita ao ginásio e se deparou com um prédio em total abandono. Os cinco barracões encontravam-se abandonados e cercados pelo mato. Sentido que seria um grande desafio, acabou aceitando a empreitada. Assumiu uma escola que não tinha sido definido seu funcionamento, não tinha nenhuma previsão orçamentaria, nenhuma previsão de compra de equipamento.

Mesmo com todos esses contratemplos, em 17 de setembro de 1962 a nomeação foi publicada, o Diretor Rogerio Mazzola assume a

direção do ginásio Industrial Pedro Ferreira Alves. Para assumir necessitava das chaves da escola que foram encontradas em Espírito Santo do Pinhal, pois ninguém em Mogi Mirim quis ficar responsável. Então, o recém nomeado Diretor recebeu um emaranhado de chaves do empreiteiro.

Rogério Mazzola relata, em entrevista para o Projeto História Oral na Educação:

“Vim para cá e tentei abrir a porta da frente, a porta principal, até que encontrei a chave e quando adentrei a escola fiquei apavorado, via morcego morto, rato morto, escorpião, enfim era um abandono total. Os vidros totalmente depredados, estilhaçado por todo canto, cacos de vidro por dentro da escola. Corri os outros prédios, eram cinco prédios... sendo o primeiro bloco da administração e das salas de aulas de dois pavimentos. O segundo é o local do recreio atualmente. O terceiro seria da oficina mecânica e da oficina de forja e uma parte da fundição, assim foi construído. O quarto que é o prédio grande, as oficinas de marcenaria e outros tipos de atividade que não fosse da mecânica. O último prédio eram quatro salas, não eram de aulas, mais para depósitos ou até para moradia de zelador.”

Com a Ajuda da Prefeitura o ginásio recebeu o primeiro Funcionário, Sr. Armindo Guedes que muito contribuiu com a sua limpeza. No final de 1962, devido a burocracia do Estado, descobriu-se que a escola não teria verba para funcionar no ano de 1963, só 1964 e mesmo assim não era garantia que o governo liberasse verba. O diretor Rogério Mazzola viu-se diante de um problema que relata em sua entrevista.

“Pensava comigo mesmo! Meu Deus o que eu vou fazer aqui? Este povo está querendo a escola! Querem uma escola profissionalizante! Tenho o prédio mas não posso fazer nada!”

Diante dessa situação o Diretor se viu numa situação delicada. Ele continua seu relato:

“Parti para outras escolas, através de contatos que sempre tive com colegas diretores. Por exemplo de Sorocaba, Campinas, Jaboticabal, a própria escola técnica Getúlio Vargas e Amparo que lecionei. Procurava junto aos diretores materiais inservíveis para eles, mas que pudesse absorver e deste modo montar nossa escola. E foi assim, fazia uma verdadeira peregrinação. Com o caminhão da Prefeitura de Mogi Mirim ia nessas escolas retirando esses materiais. Lembro me que Sorocaba tinha seis bancadas de mecânica, cada bancada com seis morsas. Foram as primeiras coisas que trouxe para Mogi Mirim e igualmente foram máquinas, furadeiras...”

O ano de 1963 foi um ano muito difícil, mas com a ajuda da prefeitura e do professor Constantino Alves Inspetor de Ensino, o ginásio tinha condições mínimas para começar a funcionar. Então obtive junto a secretaria da Educação a autorização para funcionar a partir do ano de 1964. Fazendo uso das palavras do Sr. Rogerio Mazzola conclui:

“E assim foi montado um escola, com materiais velhos, mas pensando acima de tudo, iniciar”.

Escola Industrial – Pedro Ferreira Alves – Ginásio Industrial, com esse título o Jornal A comarca - ano 64 – Domingo. 12 de janeiro de 1964 - nº 6435, pagina 8, traz em destaque uma entrevista com o Diretor, explicando que o ano escolar compreende 180 dias letivos e 75% das aulas previstas dadas por disciplinas e caso não fosse cumprindo precisaria ser prorrogado. No que diz respeito a matricula, os alunos com mais de uma reprovação não teriam suas solicitações atendidas, salvo por motivo de enfermidade grave. As matriculas, segundo o jornal, iriam acontecer no mês de Fevereiro do mesmo

ano. Os pretendentes às vagas precisariam fazer exames de admissão, que seriam marcados em 1º época no mês de Novembro/Dezembro para inscrições e provas, ou os de 2º época no final do mês de Janeiro/início de Fevereiro para inscrições e provas. O ingresso do aluno dependia da sua aprovação e idade mínima de 11 anos. O exame constava de provas escritas de Português, Matemática, Geografia e História do Brasil, com rendimento mínimo de 4 pontos em cada prova. Os alunos aprovados no exame e seguindo a ordem de classificação teriam direito à matrícula. Dados referidos na entrevista do diretor, segundo o jornal foram transcrito da portaria 145/62 do Diretor geral do Departamento de Ensino Profissional.

A escola começou a funcionar com o primeiro curso profissionalizante da época, curso industrial masculino. Inicia-se o curso ginásial oficial, equivalente ao ginásio acadêmico, com 63 alunos divididos por ordem alfabética de Admir a Jair sendo estes da turma A com 32 alunos e de João a Wilson a turma B com 31 alunos, segundo o livro de registro e lançamento de notas, com termo de abertura em 12 de Março de 1964.

Nesse dia foi proferida uma aula inaugural às 13 horas, com a presença de alunos, funcionários, professores, pais e autoridades. Iniciavam-se, portanto, atividades escolares e, paralelamente, com esse curso no período diurno, instala-se também o curso extraordinário de Desenho Técnico Mecânico à noite, com duas salas de 45 alunos cada.

O curso de Desenho Mecânico precisava de professores especializados na área de mecânica, pois era a parte fundamental, o pulmão do curso. Como não havia professor contratado, o próprio

diretor ministrou as aulas durante três mês, até que o professor responsável, professor Alberto de Carvalho Filho, chegasse.

As disciplinas que faziam parte do currículo do então Ginásio Industrial eram Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Desenho.

Para que a escola funcionasse, professores foram contratados. Juntamente com a escola, iniciaram suas atividades os seguintes professores: Ilza de Lurdes Zorzetto Seixas Pereira, Maria Celina Couto, Odila Zorzetto Bataglia, Jessé Novaes Cortez, Edson O. Rodrigues, Rosa de Almeida, Américo Tasso, Nilce V de Oliveira.

O ginásio vai marcar, de fato, sua atuação na cidade desde de seus primórdios, em 1964. Logo depois do seu início a escola coloca na rua os alunos participando do desfile da Marcha da Família com Deus pela liberdade. E a partir daí passa a participar de todos os eventos da comunidade e vai ficando conhecida através dessas participações.

Com o funcionamento a escola foi aumento seu repertório. No ano seguinte, 1965, abriu um curso voltado para as moças da cidade com 47 alunas matriculadas. As matriculas no ginásio masculino na primeira série foram em número de 94 e para a segunda série 23. Já no período noturno, para o curso extraordinário, foram 131 matriculados.

No ano de 1966 o muro da escola foi construído. As matriculas entre as mulheres juntando 1º e 2º série foram em número de 80. Já entre os homens no período diurno foram de 145 matriculados. Nesse ano montou-se uma turma única no período diurno de aprendizagem de mecânica geral, com 29 alunos. O curso extraordinário noturno ficou

com 87 matrículas. Em 1967 a primeira turma mista na primeira série com 21 homens e 21 mulheres, também 88 matrículas só de mulheres na segunda e terceira séries. Entre os homens foram 185 matrículas nas três séries e 12 na quarta série. Portanto, sendo eles os primeiros alunos formados pelo ginásio.

Foram feitas 121 matrículas nos cursos avulso desse mesmo ano. No ano de 1968 foram 161 mulheres matriculadas e 209 homens no ginásio diurno, 33 matrículas no ginásio noturno, 42 mulheres matriculadas no curso Avulso de Confecção de Flores e Arranjo e 219 matriculados no curso avulso noturno. Em 1969 o colégio recebeu 440 matrículas para o ginásio diurno.

E dessa forma, a escola foi nascendo do sacrifício e muito esforço por parte da Direção. Teve um início conturbado, mas cheio de vontade do diretor que, ao longo da década de 60, só fez o ginásio crescer. Não mediu esforços para sempre deixar em evidência o Ginásio Industrial Pedro Ferreira Alves nos seus primeiros anos de funcionamento.